

## **QUESTÕES DE TRADUÇÃO, LITERATURA E IDEOLOGIA**

Giovana Cordeiro Campos  
PUC-Rio/bolsista CAPES

### **Introdução**

Até meados do século XX, à tradução cabia uma posição de atividade menor, marginal, até mesmo pela tendência de se colocar o autor como gênio criador supremo. O quadro teórico a respeito da tradução até então priorizava critérios de equivalência, precisão e fidelidade, sendo ignorado o contexto de produção da tradução. A partir da década setenta, entretanto, novos pensamentos advindos da teoria e crítica literárias, dos estudos culturais, da filosofia etc. tiveram impacto sobre o estudo da tradução, vindo a colaborar para que os métodos meramente mecanicistas fossem questionados em prol de uma visão sócio-histórica e político-ideológica do processo tradutório.

Entre os vários estudiosos do campo dos Estudos da Tradução, Itamar Even-Zohar teve grande destaque ao propor a Teoria dos Polissistemas. Com base no conceito de sistema introduzido pelos formalistas russos, Even-Zohar afirmou que um sistema “é necessariamente um polissistema – um sistema múltiplo [...] de vários sistemas que se cruzam mutuamente [...] ainda que funcionando como um todo estruturado” (EVEN-ZOHAR, 1979: 290). Segundo o estudioso, a literatura traduzida figura entre os vários sistemas que compõem o polissistema literário, o qual, por sua vez, está inserido no polissistema da cultura. Há nos polissistemas um jogo de forças, não estando os vários sistemas que compõem o polissistema em posição de igualdade – há hierarquias, e, portanto, uma relação de centro-periferia que determina uma luta permanente, abrangendo, por exemplo, a questão da relação entre literaturas marginais e canônicas. O sistema da literatura traduzida geralmente ocupa uma posição marginal, sendo modelado pelas regras convencionalmente estabelecidas. Entretanto, ele pode ocupar uma posição central, vindo a representar uma força modeladora que controla o centro e se torna a fonte para modelos nacionais emergentes (EVEN-ZOHAR, 1978: 121).

Theo Hermans, outro importante estudioso da tradução, propôs ser a tradução uma atividade de manipulação. Nas palavras do estudioso, “do ponto de vista da literatura-meta, todas as traduções implicam certo grau de manipulação do texto-fonte para um propósito determinado” (HERMANS, 1985:11). Assim, para que o texto seja compreendido no contexto

receptor, o mesmo é manuseado e alterado segundo a ideologia no momento em que se processa a tradução.

Baseando-se no conceito de manipulação, André Lefevere propôs o termo reescritura. Segundo ele, as intervenções operadas no texto-fonte são delineadas pela ideologia do momento em que se processa a reescritura. Vendo a tradução como uma atividade ideologicamente comprometida, Lefevere propôs o termo patronagem, que pode ser entendido como o poder que, exercido por instituições, pessoas, partidos políticos, classes sociais, editoras e editores, mídia, etc. determina o que é permitido ou impedido em termos de literatura, agindo de fora para dentro do polissistema literário (LEFEVERE, 1992: 15). Os patrocinadores tentam regular o relacionamento entre o polissistema literário e os outros sistemas que juntos formam a sociedade e a cultura. Eles podem não controlar a escrita propriamente dita, mas controlam sua distribuição, o que tem reflexo preciso na formação do cânone literário. Os profissionais ligados à reescritura estão diretamente ligados “à ideologia dos patrocinadores que dominam a fase histórica do sistema social no qual o sistema literário está incluído” (LEFEVERE, 1992:5). Vale ressaltar que mesmo um profissional tido como independente estará sujeito a questões ideológicas, uma vez que constitui um elemento circunscrito a um tempo e lugar específicos.

Um dos maiores teóricos da tradução atualmente é Lawrence Venuti, o qual defende ser a tradução uma atividade “escandalosa”, entre outras coisas, pela sua capacidade de formar identidades culturais. Segundo o autor, o texto estrangeiro é uma apresentação da cultura que o originou, logo, a tradução pode ser responsável pela criação de estereótipos para culturas estrangeiras, estigmatizando ou valorizando etnias (VENUTI, 2002: 131) Nesse sentido, a escolha de textos a serem traduzidos bem como de estratégias para a realização da tradução são capazes tanto de alterar ou consolidar cânones quanto de construir uma identidade para uma cultura-fonte em uma cultura-meta. Nesse sentido, a eleição de uma determinada estratégia de tradução pode proporcionar uma abertura para a alteridade e a visualização do outro e, com isso, uma alteração no modelo cultural vigente no contexto-meta. Por outro lado, se a tradução tem por objetivo um texto fluente, há uma inserção dos valores domésticos com o correspondente apagamento das diferenças culturais e lingüísticas. Tais procedimentos são denominados, respectivamente, de tradução estrangeirizante e tradução domesticante. Segundo Venuti, a domesticação é a estratégia predominante no contexto anglo-americano, o qual não se mostra receptivo ao que é estrangeiro.

A partir dessas reflexões, percebemos não ser mais possível pensar a tradução como a cópia perfeita e completa do texto que a originou. O produto da atividade tradutória é resultado de processos de transformação, os quais são delineados por questões de ordem social, histórica, política, ideológica, mas também particular, sendo a intervenção do tradutor algo inevitável.

## **2 – *Dom Casmurro* e a crítica de Helen Caldwell**

*Dom Casmurro*, de 1899, tem como personagem principal o próprio narrador, Bento Santiago, que se encaixa na linha dos pseudo-autores, apelidado de Dom Casmurro por viver recluso e solitário. A trama em si é simples, abordando personagens de classe média no seu cotidiano, entre as quais, destaca-se o casal protagonista: Bento Santiago e Capitu. No romance, Bento Santiago, ex-seminarista e Bacharel em direito, conta a história de seu infeliz casamento com Capitu. A história de amor revela-se um relato de suspeita, ciúme e adultério. Todos os acontecimentos são narrados por Bento Santiago, única testemunha dos eventos, apontando, inclusive, para a extrema semelhança existente entre o filho do casal e do amigo Escobar, o que constituiria prova da traição de sua mulher. Assim como acontece em outras obras do mesmo autor, o leitor é convidado a refletir junto com o narrador. Na relação entre classes (Capitu ascende socialmente por meio do matrimônio), mostrando a influência da Igreja na vida cotidiana (Bento Santiago vai para o seminário em decorrência da promessa da mãe, Dona Glória), entre outros exemplos, o escritor oferece paralelamente à trama um rico painel da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX.

Em 1960, Helen Caldwell, professora de grego e de latim do Departamento de Clássicos da UCLA, declarou que o narrador de *Dom Casmurro* não é confiável, comparando o valor de seu relato ao de Otelo, personagem de Shakespeare que, cego pelo ciúme, assassinou a esposa a quem julgava o estar traindo. O ponto defendido por Caldwell é que, sendo a própria personagem o narrador, o leitor prende-se ao ponto-de-vista do protagonista. Escobar e Capitu não têm oportunidade de rebater as acusações, engendradas por uma mente perturbada pelo ciúme. Caldwell abordou a razão de o romance ter sido escrito de forma a deixar para o leitor a decisão sobre a veracidade da acusação: a narrativa de Santiago nada mais é que “uma defesa em causa própria” (CALDWELL, 2002: 99). Caldwell aponta, entre outras coisas, para o contexto jurídico que cerca a construção da personagem Santiago: ele formou-se pela faculdade de direito de São Paulo, exerce a advocacia, seu tio era advogado criminal etc. Para

a autora, há capítulos de Dom Casmurro que estão repletos “de um ar de tribunal” (CALDWELL, 2002: 99) e o leitor é convocado a participar como jurado:

Por meio de sofrimentos infundáveis, [Santiago] estabelece o seu próprio bom caráter [...] admite certas falhas perdoáveis [...] E, sagaz advogado que é, deixa indeterminado o caráter de cada personagem do caso que possa testemunhar contra ele, suprime evidências, impõe adiamentos até que as testemunhas morram. O argumento funciona da seguinte forma: ele, Santiago, não é ciumento sem causa; ele não executou uma vingança injusta: Capitu é culpada. Caso os leitores o julguem inocente, ele estará limpo a seus próprios olhos (CALDWELL, 2002: 99).

O livro de Caldwell foi intitulado *The Brazilian Othello of Machado de Assis: A Study of Dom Casmurro* (1960), traduzido como *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*, por Fábio Fonseca de Melo, em 2002. Segundo Caldwell, *Dom Casmurro* segue o modelo da tragédia shakesperiana, no qual Bento Santiago é Otelo e Capitu, Desdêmona.

Helen Caldwell é considerada uma das responsáveis pela entrada de Machado de Assis no universo anglo-americano. Tendo se apaixonado pela literatura luso-brasileira, além de estudar profundamente o autor, traduziu quatro de seus romances: *Dom Casmurro*, em 1953, *Esau e Jacó*, em 1965, cujo título em inglês foi *Esau and Jacob*, *Memorial de Aires*, em 1972, cujo título em inglês foi *Counselor Ayres' Memorial*, *Helena* (1983), e muitos dos contos do autor. Além do já citado *The Brazilian Othello of Machado de Assis: A Study of Dom Casmurro* (1960), Caldwell também publicou *Machado de Assis, The Brazilian Master and His Novels* (1970). Caldwell obteve grande reputação, vindo a receber a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras em 1963.

### **3 – A tradução De Helen Caldwell**

No intuito de evidenciar tanto a subjetividade implícita no ato tradutório da reescritura literária como a sobredeterminação exercida pelo contexto sócio-histórico, tomamos trechos dos quatro primeiros capítulos do romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, em tradução de Helen Caldwell (1953). Interessa-nos a postura da tradutora/intérprete que, ao tentar atingir seus objetivos tradutórios, realizou escolhas a nível semântico e sintático, as quais determinaram transformações no texto-fonte.

Um primeiro ponto a ser discutido é que a escolha de Caldwell por traduzir obras de Machado de Assis representou a possibilidade de uma outra representação da literatura brasileira que não apenas a do exotismo. Nesse sentido, podemos considerar tal escolha uma estratégia de estrangeirização, uma vez que o contexto norte-americano privilegia uma

imagem estilizada do Brasil – futebol, feijoada, samba, etc – que não é o contexto da obra machadiana. Desse modo, as traduções de Caldwell da obra machadiana podem ser consideradas um suplemento que se sobrepõe a uma imagem já constituída.

Quanto à tradução propriamente dita, percebemos que a tradutora alternou procedimentos domesticantes e estrangeirizantes. No caso do cenário. Machado de Assis abordava temas universais, mas em solo brasileiro. Assim, estão presentes no texto o bairro do Engenho Novo, o trem da Central, a cidade de Petrópolis, a Rua de Matacavalos etc. Helen Caldwell manteve o nome do bairro, Engenho Novo, e colocou uma nota de rodapé para contextualizar o bairro para o público norte-americano: “ ‘The New (sugar) Mill’ a suburb of Rio de Janeiro” (ASSIS, 1996: 21). Muitos estudiosos criticam o uso das notas de rodapé por entenderem que tal técnica cria uma ruptura na leitura do texto. Todavia, defendemos que, muitas vezes, as notas podem se revelar um importante recurso para contextualizar o texto como sendo estrangeiro, permitindo a troca cultural. Julgamos ser esse o caso de Caldwell. Ao deixar o nome do bairro em português, ao mesmo tempo em que o situa no Rio de Janeiro, Caldwell está permitindo ao leitor o acesso a uma cultura diferente, rompendo com a ilusão de que o texto teria sido originalmente escrito em inglês. Nesse sentido, tanto a permanência das palavras em português quanto a explicação de seu significado concorrem para a visibilidade do processo tradutório, representando um procedimento estrangeirizante de tradução.

Um ponto relevante a ser analisado refere-se à tradução dos títulos dos capítulos. Os dois primeiros sofreram pequenas alterações: “Do Título” → “The Title” (O Título); “Do Livro” → “The Book” (“O livro”). Houve a supressão de que sealaria sobre, a respeito do título e do livro. Entretanto, Machado tendia pela elipse, pela economia de palavras em muitos trechos, pela sugestão. Assim, colocar algo como “on the title” ou “about the title” não soaria tão econômico quanto à eliminação da idéia de “a respeito de”. Nesse sentido, houve por parte de Caldwell uma observância do estilo do autor. Entretanto, no caso do título “A Denúncia”, percebemos uma intervenção direta da tradutora. Uma denúncia não é o mesmo que uma informação, título escolhido por Caldwell: “The Information” (A Informação). Tal título em inglês deixa de apontar para o comportamento de José Dias, que não foi o de prestar uma informação, mas o de delatar propositadamente os futuros amantes. Assim, “a informação” representa uma suavização do tom do texto-fonte, apontando para uma intervenção originada pela leitura que Caldwell, enquanto intérprete, fez do texto-fonte, logo, uma domesticação do texto machadiano de caráter subjetivo.

Quanto ao título do quarto capítulo (Um dever amaríssimo!), embora “amaríssimo” e “the most unpleasant” sejam superlativos, a escolha de “unpleasant” (desagradável) não consegue suscitar o tom de ironia sugerido por “amaríssimo”. Em primeiro lugar, o termo em inglês não parece captar o sentido de “amargo”, que remete mais facilmente a doloroso do que a palavra “desagradável”. Em segundo lugar, “amaríssimo” adquire uma espécie de significado extra ao ser proferido por José Dias, personagem que usava o superlativo, entre outras coisas, para se sobressair, conseguindo com isso apenas tornar-se burlesco. O mesmo não pode ser dito quanto ao título em inglês, talvez porque o uso em português não seja tão comum quanto o do inglês. Além disso, a pontuação em Machado é significativa. O ponto de exclamação no título pode ser visto como uma forma irônica, que colabora para dar feições ridículas ao modo de falar de José Dias e, por conseguinte, ao modo de agir. Caldwell ignorou a pontuação, usando apenas “A most unpleasant duty”, domesticando mais uma vez o texto machadiano.

No que se refere à metalinguagem, esta permanece na tradução, entretanto, novamente com intervenções no que tange às escolhas lexicais: Para o trecho: “Também não achei melhor título para minha narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo.” (ASSIS, 1999: 17), Caldwell apresentou: “I have found no better title for my narrative; if no better occurs, let it stand!” (ASSIS, 1996: 22). Ela manteve o ponto e vírgula, muito usado por Machado, o que significa uma observância do estilo do autor. Entretanto, Caldwell usa um ponto de exclamação que não consta do original. Além disso, a tradutora omitiu “até o fim do livro”, provavelmente por achar redundante. Assim, percebemos nesse exemplo uma tendência domesticante, ainda que “Let it stand” possa ser considerada uma excelente solução para “vai este mesmo”. Neste sentido, observamos a opção para a produção de um texto fluente, o que faz com que ele pareça ter sido escrito originalmente na língua de tradução, levando a um apagamento da tarefa tradutória.

Existem outros exemplos nos quais a tradutora alterna soluções interessantes com omissões. Vejamos o trecho abaixo:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. *Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente.* Se só me faltassem os outros, vá; *um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo.* (ASSIS, 1999: 19, grifos nossos).

My purpose was to tie together the two ends of my life, to restore adolescence in old age. Well, sir, I did nor succeed in putting back together what had been nor what I had been. If the face is the same, the expression is different. If it were only the others that

were missing, no matter. A man consoles himself more or less for those he has lost, but I myself am missing, and this lack is essential. (ASSIS, 1996: 23).

Caldwell omite “evidente”, o que suaviza a afirmação, retirando o tom de algo que era patente, até mesmo necessário. “Em tudo” também desapareceu. Por outro lado, o uso de “no matter” para “vai” revela-se uma ótima solução dada pela tradutora. De qualquer modo, o que fica evidenciado é que o texto foi transformado pela tradutora/intérprete.

Em alguns trechos, Caldwell alterou a ordem dos elementos da frase. Em muitos desses momentos, percebemos ser uma necessidade da língua inglesa, que tem padrões mais rígidos do que os do português no que se refere à posição de certos constituintes sintáticos e lexicais. Para exemplificar, temos: “Fiquei tão alegre com esta idéia, *que ainda agora me treme a pena na mão*” (ASSIS, 1999:19, grifos nossos). A colocação do verbo antes do sujeito resultaria em uma combinação esdrúxula para um falante de língua inglesa, assim, por necessidade da língua, o texto foi traduzido para: “I was so happy with this Idea that the pen still trembles in my hand” (ASSIS, 1996: 23).

Os nomes das personagens, nesses quatro capítulos, representam outras instâncias em que podemos verificar processos de domesticação e estrangeirização ao mesmo tempo. José Dias (1996: 25) e Bento Santiago (1996: 24) tiveram seus nomes mantidos. Já Capitu teve um acento acrescentado a seu nome: “Capitú” (1996: 25), provavelmente para marcar a tônica, que não seria evidente para o leitor norte-americano. Dona Glória não teve a forma de tratamento “Dona”, bastante característico do falar coloquial brasileiro, traduzida por “Ms.”, mas o nome perdeu o acento: “Dona Gloria” (1996: 24). O uso de “Dona” quebra a leitura e aponta para o contexto-fonte, colocando o leitor a par de que se trata de um texto estrangeiro traduzido, representando um processo de estrangeirização.

A análise apresentada, ainda que breve por questões de tempo e espaço, fornece subsídios para considerar que a respectiva tradução é resultante de um processo de transformação mediado pela tradutora. As intervenções operadas por Caldwell foram originadas tanto pela necessidade de considerar a língua do contexto-meta, como pelas sucessivas interpretações que Caldwell precisou a realizar. Desse modo, o leitor do texto traduzido recebe imagens sobrepostas: Machado + Caldwell, ou seja, o texto-meta está imbuído da presença de Caldwell, mas também não deixou de ser um texto de Machado, revelando ser o produto tradutório o resultado de um trabalho a pelo menos quatro mãos: as do autor e as do tradutor.

### **Considerações finais**

O presente trabalho procurou mostrar que as traduções representam interpretações subjetivas de um texto-fonte, não podendo, dessa forma, ser equivalentes perfeitos do texto que as originou, simplesmente porque trazem consigo não somente as marcas do autor do suposto original, mas também do intérprete que lhe deu vida: o leitor/tradutor. O tradutor imprime a sua marca pessoal, bem como indícios de seu contexto, produzindo um texto que representa não uma cópia simplesmente, mas um novo texto.

### **Abstract:**

*This article analyses extracts from Dom Casmurro (1899), by Machado de Assis, translated into English by Helen Caldwell in 1953. The study aims at revealing translation as a transformation process, mediated by a political-ideological being: the translator/interpreter.*

### **Referências**

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD, 1999.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Trad. Helen Caldwell. Berkeley: University of Califórnia Press, 1996.
- CALDWELL, Hellen. *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. SP: Ateliê, 2002.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. In: HOLMES, J.S. *et ali* (ed.). *Literature and translation: new perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978. p. 117-127.
- EVEN-ZOHAR. Polysystem theory. *Poetics Today*, Tel Aviv, v.1, n.1/2, 1979. – p. 287-310.
- HERMANS, Theo. Translation Studies and a New Paradigm. In: HERMANS, Theo. *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London & Sydney: Croom Helm, 1985. p. 7-15.
- LEFEVERE, André. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London, NY: Routledge, 1992.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.